

## LEITURA: UM LUGAR ATRAVESSADO PELA HISTORICIDADE DA LINGUAGEM

### READING: A PLACE CROSSED BY THE HISTORICITY OF LANGUAGE

Laécio Fernandes de Oliveira<sup>1</sup>

Linduarte Pereira Rodrigues<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

#### RESUMO

O surgimento de diferentes correntes teóricas sobre o estudo da leitura, instigado pelas várias formas e práticas sociolinguísticas, tem possibilitado múltiplos olhares sobre este objeto, evidenciando-o heterogêneo, porque assim o é o sujeito que se apossa da língua(gem) pondo-a em funcionamento e atualizando os diversos sentidos de um texto. Diante disso, fenômenos como diversidade/hibridismo cultural, heterogeneidade linguística e mundo híper-semiotizado atravessam o cotidiano do homem contemporâneo, exigindo-lhe novos conhecimentos, novos letramentos, visão mais crítica sobre as realidades sociais materializadas em linguagens; campo fértil para os estudos linguísticos do século XIX e, posteriores, com destaque a partir do estruturalismo saussuriano, buscando estabelecer limites para construção do sentido e significação dos textos. Este artigo, ancorado numa visão filosófica da linguagem e nos estudos semânticos de Guimarães (2002; 2018), propõe uma prática de leitura que inclua o exterior à língua – a história –, precisamente, a historicidade como constituidora do sentido na enunciação enquanto acontecimento. Para tanto, considera a revolução política e sociocultural iniciada na modernidade, fomentadora de novas formas de atuação linguística e (res)significação de outras pelos sujeitos. Evidencia-se, assim, o diálogo com correntes as teóricas Pragmática e a Análise do Discurso, além de considerar uma visão de leitura/produção de texto multimodal/semiótico, em voga no mundo contemporâneo, na perspectiva de linguagem, lugar propício ao ensino de língua materna. Busca-se uma visão semelhante quanto às orientações para o eixo leitura na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Dessa forma, realiza-se uma leitura de dois textos circulantes no cotidiano das cidades, expondo-os como fenômenos linguísticos que materializam as vozes dos sujeitos, e que são atravessados pela historicidade da linguagem como produtora de efeito(s) de sentido(s). O estudo considera os textos analisados como práticas sociais atravessadas pelo caráter histórico e heterogêneo da linguagem, aspectos que mobilizam diversas habilidades de letramentos sociais e que impulsionam o homem híper-semiotizado para as diversas leituras de um texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Semântica; Linguagem; Historicidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (UEPB). Campina Grande-PB, Brasil. Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais – UFCG /2017. Professor do Sistema de Educação Estadual da Paraíba e membro do Grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações. E-mail: lfoliveira.36@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (UEPB). Campina Grande-PB, Brasil. Líder do Grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações. E-mail: linduartepr@gmail.com

## ABSTRACT

The emergence of different theoretical currents on the study of reading, instigated by the various forms and sociolinguistic practices, has enabled multiple perspectives on this object, showing it to be heterogeneous, because so is the subject who takes possession of the language putting it functioning and updating the different meanings of a text. In view of this, phenomena such as cultural diversity/hybridism, linguistic heterogeneity and a hyper-semiotized world cross the contemporary man's daily life, demanding new knowledge, new literacies, a more critical view of the social realities materialized in languages; fertile field for linguistic studies of the 19th century and later, with emphasis on Saussurian structuralism, seeking to establish limits for the construction of the sense and significance of texts. This article, anchored in a philosophical view of language and in the semantic studies of Guimarães (2002; 2018), proposes a reading practice that includes the outside of the language - history -, precisely, historicity as a constituent of meaning in enunciation as an event. To this end, it considers the political and socio-cultural revolution initiated in modern times, promoting new forms of linguistic activity and signifying others by the subjects. Thus, it is evident the dialogue with theoretical currents such as Pragmatics and Discourse Analysis, in addition to considering a vision of reading/production of multimodal/semiotic text, in vogue in the contemporary world, in the perspective of language, a propitious place for teaching mother tongue. A similar view is sought with regard to the guidelines for the reading axis in the BNCC (BRASIL, 2018). In this way, a reading of two texts circulating in the daily life of cities is carried out, exposing them as linguistic phenomena that materialize the voices of the subjects, and that are crossed by the historicity of language as producing effect of meaning. The study considers the analyzed texts as social practices crossed by the historical and heterogeneous character of language, aspects that mobilize various skills of social literacies and that propel the hyper-semiotized man to the various readings of a text.

**KEYWORDS:** Reading; Semantics; Language; Historicity.

## PALAVRAS INICIAIS

Os estudos de Saussure (1971), no século XIX, projetam as pesquisas no campo linguístico (e o próprio surgimento da Linguística). Entretanto, ao dissecar seu objeto de investigação em língua *versus* fala, Saussure cria um campo de atuação diverso para os linguistas posteriores, que vêm discutindo hoje a importância de incluir o excluído: a fala e os elementos que lhe são inerentes. Mesmo que a ciência Linguística e muitas das correntes teóricas deste macrocampo sejam relativamente jovens, há uma consolidação de diversos olhares sobre a língua e sobre a linguagem (como um florista, ao compor um ramo de rosas, examina suas pétalas, considerando seu frescor, vivacidade, de modo que a beleza das unidades torna o conjunto glamoroso), possibilitando a investigação da(s) parte(s) pelo todo ou vice e versa.

Esta metáfora potencializa-se pela atuação linguística dos sujeitos em mundo globalizado. Eles se tornaram hiper-semiotizados e influenciados pelo processo de integração econômica entre nações. São potencializados em sua formação, atuação política e sociocultural, ocasionando os complexos fenômenos de modernidade líquida, identidade e culturas híbridas (BAUMAN, 2013; STUART HALL, 2003). Considerando que o homem atua no mundo por meio da linguagem enquanto prática social, os estudos linguísticos contemporâneos têm buscado a inclusão do excluído por Saussure (1971), haja vista a essência heterogênea da linguagem e do sujeito, considerados indissociáveis.

Neste estudo, destacamos a revolução política e sociocultural em curso, desde o mundo moderno, que tem fomentado novas formas de atuação linguística e (res)significação de outras pelos sujeitos, além da diversidade cultural, da heterogeneidade linguística de um mundo hiper-semiotizado, que exigem novos conhecimentos, novas formas de letramento, visão mais crítica e

ampla sobre as realidades sociais materializadas em multiplicidade de linguagens. Campo fértil que tem levado estudiosos a estabelecerem limites para construção do sentido e da significação e, a partir de múltiplos olhares, têm evidenciado várias formas e práticas sociolinguísticas e seus atravessamentos.

Estabelecemos como área de atuação para nosso estudo o campo da Semântica, em diálogo com outras correntes teóricas, devido à complexidade do objeto de estudo desta ciência, fazendo-se necessário transitar por outros limites teóricos, a exemplo da Pragmática e da Filosofia da linguagem. Diante do exposto, destacamos Alston (*apud* MACEDO, 2012) que alerta para as diversas teorias que se debruçam sobre o estudo da significação, agrupando-as em três tipos. Referencial, embasada na lógica filosófica: as palavras referenciam algo no mundo. E outras duas: ideacional e comportamental, isto é, comportam única concepção – as palavras significam a partir do contexto de fala – campo pragmático.

Contudo, palavra evidencia elementos discursivos (sujeito, discurso e historicidade) inerentes à linguagem e sua significação que se constitui na/pela enunciação enquanto acontecimento<sup>3</sup> enunciativo, que se estabelece no social, cria sua temporalidade e envolve, obrigatoriamente, relação entre falantes (GUIMARÃES, 2018). Neste sentido, a definição básica de linguagem como um sistema de signos indica que o signo é de natureza diversa, com caráter convencional, pode ser natural e referenciar coisas no mundo, ou, não natural e simbolizar, produzir sentidos, (res)significando-os, ao ser atravessado pela historicidade da linguagem, numa materialidade com dimensão multimodal/semiótica, um caminho propício à atuação semântica.

Estas investigações somadas aos seus impactos no âmbito educacional vêm fomentando mudanças sistemáticas nas políticas públicas, norteadoras do ensino de língua materna, sugerindo a comprovação do grau de avanço destes documentos quanto à atualização destas pesquisas. Portanto, este estudo busca esta constatação quanto ao eixo leitura no documento legal BNCC (BRASIL, 2018). Frente ao exposto, a seguir, evidenciamos uma concepção de linguagem, de cunho filosófico, articulada aos estudos semânticos (GUIMARÃES, 2002; 2018) e capaz de potencializar letamentos no mundo contemporâneo.

## 1 A semântica da linguagem

A linguagem é objeto de reflexão desde a Grécia Antiga. Por sua importância para os estudos linguísticos de várias abordagens, objetivaremos nosso olhar, apresentando duas visões que sustentam este estudo: a primeira, uma reflexão epistêmico-filosófica, apresentada por Chauí (2000) em *A linguagem*; a segunda proposta por Guimarães (2002) em *Os limites do sentido*, em que o autor associa-se a várias teorias para tecer considerações a respeito do sentido como objeto de estudo na perspectiva dos estudos da linguagem. Guimarães (2018) percorre um caminho semelhante em *Semântica, enunciação e sentido*, cuja primeira publicação ocorreu em 1995, com o objetivo de construir a Semântica Histórica da Enunciação, defendendo que a constituição do sentido ocorre na enunciação enquanto acontecimento enunciativo. Motiva-nos nas obras mencionadas a busca por múltiplos olhares com intuito de ampliar o próprio prisma sobre a linguagem.

Chauí (2000) percorre uma trilha investigativa dos estudos sobre a linguagem desde os gregos ao estruturalismo saussuriano, surgimento da linguística, e à semiótica peirciana. O fio traçado perpassa filósofos como Aristóteles (1985) em *Política*, quando o filósofo concebe linguagem como capacidade inerente ao homem, por lhe permitir manifestar valores político, social e cívico. Rousseau em *Ensaio sobre a origem das línguas*, entendendo que a linguagem tem caráter

---

<sup>3</sup> Para Guimarães (2018, p. 38), acontecimento não é um fato novo no tempo, independente de outro ocorrido no passado. O acontecimento instala sua temporalidade: única a cada acontecimento de enunciação, em que “o passado é o sentido de enunciações passadas; o presente é aquilo que se articula como próprio da relação da obra com a enunciação de seu autor; o futuro são os sentidos que esta obra projeta, e que fazem parte daquilo que se projeta como sentidos que se desdobrarão e estarão em outras enunciações”.

identitário e, por meio dela, distinguem-se nações. Para ele, a fala denuncia a origem do homem que buscou a linguagem à medida que desejou comunicar-se.

O mestre de Aristóteles, Platão, também, debruçou-se sobre a linguagem no diálogo – *Fredo* –, possivelmente no ano 370 a.C. Conforme Chauí (2000), Platão ocupa-se da linguagem envolta na tríade dos sentidos: remédio (porque pelo diálogo e pela comunicação, acessa-se o conhecimento, livra-se da ignorância); veneno (pois pelas palavras seduz-se, fascina-se sem contestação); e cosmético (a linguagem pode servir como máscara, maquiagem, dissimulação, ocultação de verdades sob palavras). Assim, linguagem é conhecimento, comunicação, encantamento, sedução.

Quanto ao pensamento do linguista Hjelmslev, Chauí (2000) explica que o estudioso entendia que a linguagem envolve os pensamentos e sentimentos, sendo fio arquitetado no ardo do pensamento, relíquia da memória e consciência semeada pelas gerações. No mais, a linguagem é íntima à comunicação humana, meio que possibilita a relação com o mundo, com os outros, com a vida sociopolítica, o pensamento e a arte (CHAUÍ, 2000).

A linguagem, diz Chauí (2000), é/significa narrativa. Esta afirmação reflete a palavra grega *mythos*, que narra a origem dos deuses, do mundo, do homem e das técnicas utilizadas para se relacionar com a natureza e a vida social. Os mitos são a forma pela qual, através das palavras, o homem organiza a realidade e a interpreta (RODRIGUES, 2011). Para além da narrativa, a palavra também tem força concretizadora e realizadora, pois consta no livro de *Gênesis* que, pela palavra, Deus criou a luz: “faça-se a luz” e foi feito. No mundo dos homens, em vários contextos, a palavra tem poder. Nas liturgias religiosas, o padre, por meio das palavras, une duas pessoas: “considerem-se casados”; do mesmo modo faz o juiz investido do poder social/legal (CHAUÍ, 2000, p. 174).

Neste ponto, embora a estudiosa não mencione, adentramos o campo da Pragmática, área que estuda “a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso – o exterior; aspecto deixado de lado” pelo estruturalismo. “O estudo do uso faz-se necessário, haja vista que a interpretação de palavras e frases só pode ocorrer na situação concreta de fala” (FIORIN, 2008, p.166). Analisemos o caso análogo ao citado acima, “faça-se a luz” e “considerem-se casados” em que dados os contextos apropriados, envolvendo sujeitos específicos, ações são realizadas pelo ato de linguagem, do contrário, elas não se concretizam.

Desta síntese, a filósofa afirma que a linguagem está para além da relação binária entre signo, coisa/ideia, evidencia-se sua relação ternária – signos – símbolos, que possibilitam sentidos/significações mais complexas (RODRIGUES, 2011). “A linguagem como percepção e imaginação compraz-se no já dado/já dito/já pensado, no instituído”, submetida ao ideológico/discurso. É “meio de acesso ao mundo, aos outros, à verdade, é instrumento de engano” (CHAUÍ, 2000, p. 190) e pode servir ao falseamento/embuste. De certo, os caminhos não se excluem ao pensar a linguagem.

Tratamento semelhante é encontrado na obra *Os limites do sentido*, em que Guimarães (2002) filia-se aos estudos estruturalistas, pragmáticos e à análise do discurso, para propor a ampliação da investigação sobre a constituição do sentido (entendido como a significação no enunciado e sua constituição na integração ao texto), defendendo um olhar sobre a linguagem bem como a inclusão do posto nas nuvens por Saussure (1971), o exterior à língua: a fala. A priori, o autor pontua sobre os limites em que transita seu trabalho, entre Semântica e Pragmática, buscando a constituição do sentido no acontecimento da enunciação. Desse modo, o estudioso entende a enunciação como:

Um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua. (GUIMARÃES, 2018, p.22)

De outra forma, a “enunciação é o funcionamento da língua em acontecimento no espaço de enunciação”, um espaço político de funcionamento das línguas, das relações linguísticas e seu

funcionamento na relação com os falantes. Nesta teia, o sentido dos enunciados (enquanto enunciados que integram textos nos acontecimentos que os produzem) é o objeto de análise da Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2018, p.23). Assim, o autor argumenta que um estudo nestes moldes só pode iniciar do recorte saussuriano, já que as semânticas linguísticas, ao tratar do sentido/significação, têm-no feito a partir de um dos elementos da tripla exclusão: o sujeito, o objeto e a história.

Sob esta ótica, destacamos três filiações das realizadas pelo pesquisador, pela importância para os estudos da linguagem. A primeira filiação é ao estudo de Bréal no século XIX, cuja semântica era vista como uma disciplina linguística e a linguagem como um fenômeno humano/histórico, composta de signos e de caráter simbólico. Guimarães (2002) destaca dois pontos de interesse em Bréal: a historicidade, vista como intervenção do sujeito em que as mudanças ocorrem pelo intervir da vontade, há algo no sujeito que as provocam a partir do funcionamento da linguagem; a subjetividade é relativa, ou o “elemento subjetivo da linguagem é representado nas palavras, em membros de frases, nas formas gramaticais e pelo plano geral das línguas” (BRÉAL *apud* GUIMARÃES, 2002, p.16). Portanto, no exemplo: **a esta hora, sem dúvida, ele já chegou**, a locução adverbial **sem dúvida** expressa vontade e certeza do sujeito, intervindo no ato de linguagem.

Esta consideração fomenta estudos no campo da pragmática. Surgem os conteúdos implícitos: o pressuposto e o subentendido (o fora da sentença), estabelecidos no âmbito da filosofia da linguagem pelos estudos de Frege e Ducrot (*apud* FIORIN, 2008, p.181), ao afirmarem “os conteúdos transmitidos pelos atos de fala podem ser implícitos e explícitos”, tomados como possíveis inferências feitas pelo leitor em dado contexto de comunicação. Assim, a Pragmática considera o sujeito numa situação real de comunicação, determinante na constituição do sentido, a linguagem é veículo para expressar intenções para alguém.

A segunda filiação é no campo da semântica histórica/diacrônica, Guimarães (2002) afirma que Benveniste tratou da enunciação como uma relação do sujeito com a língua, pois enunciar é o ato deste apropriar-se da língua e produzir sentidos “pondo-a em funcionamento”. Assim como Saussure, Benveniste estabelece dois campos de significação, o semiótico em que o sentido ocorre na relação histórica entre os signos; e o semântico, contrário a Saussure, considera a constituição do sentido no universo da enunciação e do discurso. É neste campo que Benveniste constrói sua teoria da subjetividade, na qual o sujeito se constitui pela linguagem. Ele considera um quadro enunciativo estabelecido pela primeira e segunda pessoa do discurso **eu/tu**, num determinado espaço **aqui** e tempo **agora**, no qual **eu/tu** se opõe à terceira pessoa/não pessoa que se compõe na instância sobre o quê ou quem se fala no discurso (GUIMARÃES, 2002, p. 47).

Um aspecto importante da teoria benvenistiana, destacado por Guimarães (2002, p. 48), são as relações de linguagem estabelecidas nas línguas, e que nos permitem compreender que há uma ordem semiótica nos “fenômenos humanos” de linguagem; de modo que na reconstituição semântica, o emprego de determinadas formas linguísticas e os contextos nos quais apareçam determinam a ordem semântica como organizadora da ordem semiótica. Deste aspecto, o autor destaca três pontos da constituição do sentido no campo da argumentação: o primeiro é que na retórica a argumentação é uma “relação de sentido na linguagem”; o segundo é que a argumentação dá-se na enunciação e não em sua relação com o mundo e com os objetos; o terceiro, a argumentação é importante para “pensar a textualidade e a relação [...] entre interdiscurso/língua/enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 49). Assim, “a argumentação é elemento do processo de significação e é produzida pelo acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.95).

Nesta perspectiva, a enunciação ganha caráter de acontecimento histórico pressuposta no enunciado e, nas representações no enunciado, da enunciação, encontra-se a representação de figuras diferentes de sujeitos. Este ponto, Guimarães (2002) diz ser essencial para Ducrot conceber sua noção de polifonia da enunciação, que concebe a existência do sujeito falante e do sujeito

pensante, porque a linguagem comunica/relaciona-se com pensamento, por isto se diz “Galileu afirmou que a terra é redonda”, neste exemplo, o sujeito falante não é o sujeito pensante, ele apenas transmite o pensamento de outro; um “ato de duas faces”. Há alguém que fala (enunciador) para um enunciatário: uma “coexistência de sujeitos na narrativa, [...] em que os personagens constroem-se à medida que se representam um diante do outro: o Eu constrói-se constituindo o Eu do outro e é por ele constituído” (GUIMARÃES, 2002, p. 59).

Desta discussão, o pesquisador apresenta sua proposta de constituição do sentido, pautada pela historicidade da linguagem, em que a significação, determinada pelas condições de existência, deve ser observada. Portanto, “o sentido deve ser tratado como discursivo, definido no acontecimento enunciativo” (GUIMARÃES, 2002, p. 66). Para o desenvolvimento desta proposta, o autor filia-se à Análise do Discurso (ORLANDI, 1992), terceira filiação, e expõe os conceitos de discurso – “efeito de sentido entre locutores [...] lugar de contato entre língua e ideologia” – o interdiscurso – fruto da relação histórico-linguística entre discursos, o dito em outro lugar, memória atualizada/(res)significada no dito, por isso “exterior ao sujeito e à língua”, configurando-se como recorte da formação discursiva que reflete o lugar social, a posição do sujeito, os sentidos constituídos no discurso (GUIMARÃES, 2002, p.66).

Desse modo, o fenômeno da intertextualidade é fruto do intercruzamento de discursos no acontecimento enunciativo, atribuindo à linguagem o lugar material da historicidade. Outro conceito destacado é o silêncio constituidor do sentido, visto que, ao dizer, o sujeito atualiza/(res)significa discursos, produzindo interdiscursos e, com isso, faz recortes entre o dito e o não dito: o excluído, o implícito, que é silêncio materializado na linguagem e limite entre as formações discursivas. Numa dimensão enunciativo-histórica o funcionamento da linguagem ocorre a partir do interdiscurso, como fenômeno que marca o posicionamento do sujeito e põe a língua em funcionamento que, sendo afetada pelo interdiscurso, produz sentidos. Por conseguinte, Guimarães (2002) conclui que o interdiscurso é constitutivo da argumentação, de forma que produz interdiscursividade e a língua é naturalmente histórica, pois ao se instituir um sentido, faz-se pelo apagamento de outro.

Assim, reforçamos que as teorias não são excludentes, ao olharmos para a constituição do sentido na linguagem, um objeto complexo e heterogêneo que, ao ser atravessado por elementos sócio-históricos e políticos, requer um olhar atento aos seus múltiplos aspectos e dimensões. Sendo necessário atravessar o texto, acessar sua “materialidade discursiva” e compreender como os “sentidos e os sujeitos nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação” (ORLANDI, 2010, p. 91).

## 2 Aula de leitura desveladora de sentidos

Convém-nos destacar que a BNCC é um documento legal normatizador, não referenciador como os anteriores, entrou em vigor em 2018, após passar por um processo de construção com amplos debates pela sociedade civil, especialistas e educadores de todo país. Seu compromisso é com uma educação de qualidade e equidade, centrada em melhorar os índices de aprendizagem no ensino básico, impactando nos currículos da educação público-privada e na formação docente (BRASIL, 2018).

Também merece destaque a ênfase do documento ao contextualizar o componente – Língua Portuguesa – quanto ao diálogo com a essência de documentos produzidos nas últimas décadas (Orientações Curriculares/PCN), pela preocupação em atualizar “pesquisas recentes da área, e as transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século”, com destaque para a cultural digital. Reassumindo-se uma perspectiva “enunciativo-discursiva da linguagem” pautada na “ação interindividual”, interlocutiva, “orientada para uma finalidade específica que se realiza nas práticas sociais diversas [...] nos distintos momentos de sua história” (BRASIL/PCN, 1998, p.20 *apud* BRASIL, 2018, p. 67).

Conforme o documento, o texto e as relações inter/intratextos são o foco da abordagem, relacionando “contextos de produção”, visando ao desenvolvimento de habilidades e o uso expressivo da “linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e *semioses*”, reforçando que o texto é central em “práticas de linguagem, de discursos e gêneros discursivos/gêneros textuais, esferas [...] de circulação de discursos”, considerando ainda as “práticas contemporâneas de linguagem, do contrário, a participação nas esferas da vida pública, do trabalho e pessoal, dar-se-ia de forma desigual” (BRASIL, 2018, p. 67).

Percebe-se que a BNCC atualiza pesquisas no campo dos estudos linguísticos, como as recomendações de Geraldi sobre o texto ser o centro do trabalho nos eixos leitura, escrita e análise linguística; além de correntes teóricas como a Pragmática, ao orientar para os contextos de produção, considerando a língua no seio social; a Semântica e a Multimodalidade/Semiótica, ao destacarem que na contemporaneidade as práticas de linguagem, os textos/gêneros textuais, cada vez mais multimodais/hiper-semiotizados, exigem multiletramentos e entendimentos dos processos de produção de sentidos/significação. Além de retomarem à teoria dos gêneros textuais (PAULA, 2015).

No eixo leitura, o documento “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação”, como exemplo, cita a leitura para desenvolvimento estético de “textos/obras literárias e outros trabalhos que desenvolvam o domínio da linguagem nos diferentes níveis” (BRASIL, 2018, p.71). Dessa forma, a BNCC considera as exigências sociais contemporâneas de multiletramentos, pautadas na diversidade cultural e a não adesão ao pensamento classificatório e reducionista, que não leva em conta as hibridizações naturais do mundo global, contemplado pelas diversas culturas, que exigem ampliação do repertório cultural pelo homem, por meio da interação e trato com o diferente.

O texto<sup>4</sup>, em sua materialidade histórica, vem sendo objeto de recomendação por pesquisadores como Rodrigues (2016), Orlandi (2010), por seu potencial em desenvolver habilidades leitoras e ofertar a imersão do sujeito/leitor nas condições sócio-históricas, político-culturais em que foi produzido. Por isso a necessidade de um olhar multimodal sobre a materialidade textual/linguagem e suas *semioses*, a fim de desvelar como sujeitos e sentidos constituem-se pela linguagem.

A complexidade do fenômeno linguagem somado à teia sociopolítica, histórica, cultural, que envolve e compõe o homem contemporâneo, naturaliza o multimodal/semiótico pelas condições de produção, pois o texto é atravessado pelos diversos aspectos da vida em sociedade, e exige um leitor cuja visão multimodal desvele/constitua suas redes de significação (RODRIGUES, 2011).

No século XIX, década de 80, Geraldi já defendia a confluência entre Semântica e Pragmática na constituição dos sentidos/significações (PAULA, 2013). Do final do século XX, como já mencionado neste estudo, Guimarães vem sugerindo a ampliação desta visão quanto à constituição do sentido a partir da Semântica Histórica da Enunciação. Conforme o estudioso, não é só o contexto que interfere na semantização, mas, também, o interdiscurso. Neste sentido, Orlandi (2010) elucida que a Pragmática não é singular quanto ao uso da linguagem, pois há uma proximidade entre as correntes teóricas, enunciação, argumentação e discurso, que têm em comum o trato dos fatos de linguagem e a relação desta com seu exterior. Pela tênue aproximação, é necessário distinguir os fatos, os métodos e teorias:

Quanto aos fatos, há muito em comum, na medida em que todos esses campos, [...] consideram a linguagem, distinguem-se de uma abordagem linguística imanente. No entanto, há diferenças [...] entre eles. [...] como concebem o sujeito (na enunciação, o sujeito é um sujeito origem de si; na argumentação, o sujeito é um sujeito psicossocial; na

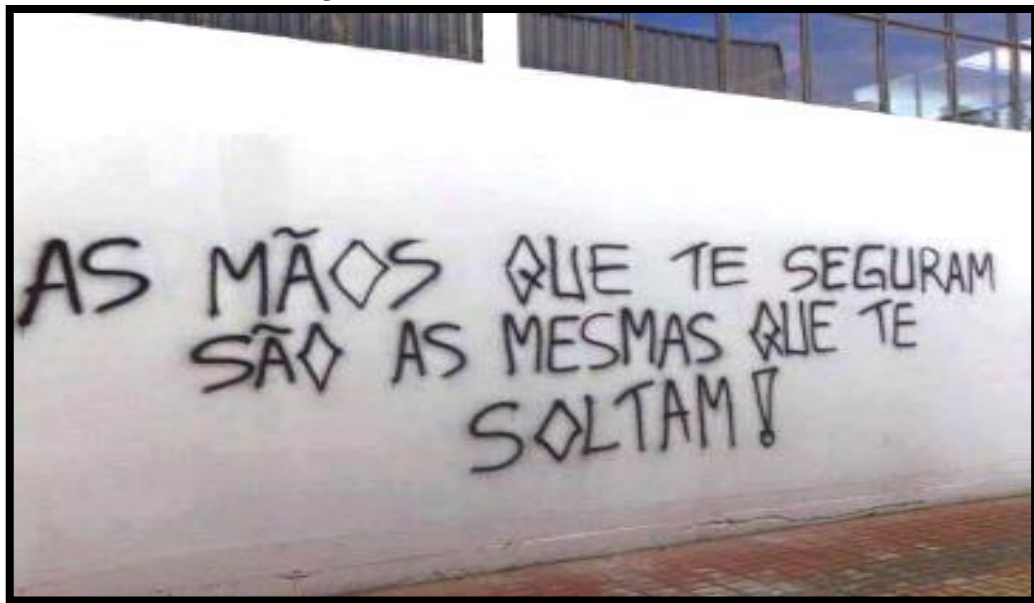
<sup>4</sup> Neste estudo, considera-se o texto para além do verbal, ao modo de Rodrigues (2011), Oliveira e Rodrigues (2019).

análise do discurso [...] o sujeito é linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia) e o modo como definem o exterior (na pragmática o exterior é o fora e não o interdiscurso) marcam as diferenças teóricas, de distintos procedimentos analíticos [...] consequências práticas diversificadas. [...] faz a diferença é a própria noção de língua trabalhada na análise do discurso – [...] um sistema sujeito a falha – e da ideologia como constitutiva do sujeito quanto da produção dos sentidos (ORLANDI, 2010, p. 91-92).

Tendo em vista esta densa composição da linguagem, demonstraremos, a seguir, uma prática de leitura que revela como os sujeitos apossam-se da língua, produzem linguagem semantizando em textos que materializam culturas e práticas socio-históricas.

A figura 1 reproduz um grafite<sup>5</sup> colhido em meio eletrônico. De início, faz-se necessário refletir sobre a função sócio-comunicativa deste texto, que chega ao Brasil no século XIX, num contexto sociopolítico de repressão. Seu meio de circulação é o urbano de sociedades institucionalizadas que, segundo Oliveira (2016), entendem o espaço urbano organizado sob sua própria ótica, contrária a dos Grafiteiros/Pichadores, que “veem o urbano como espaço livre à ação humana” de linguagem, à intervenção, à denúncia, por parte das minorias, de cujo direito à voz, são podadas” (OLIVEIRA, 2016, p. 20).

Figura 1: Grafite – o sentido nas/das ruas



Fonte:<<https://amomensagens.com.br/4061-mensagens-e-mensagens-de-pichacoes-frase/>>.

Atualmente, o grafite tem sua função social ampliada, para além do seu caráter político/cultural, o aspecto estético, artístico e reflexivo, próprio das artes que representam a vida do homem em sociedade, e a arte urbana passa a estampar os muros e fachadas de prédios das cidades, dividindo opiniões sobre sua real função. Tempo perdido, a nosso ver, visto que a função da arte é falar ao humano do humano, sensibilizá-lo. Como dizia Antônio Cândido, proporcionar experiências, função que o texto em questão cumpre bem.

O texto em análise tem como suporte o muro da galeria urbana. Inicialmente, pode não ser valorizado pelas características inerentes à arte já mencionadas. Entretanto, chama os transeuntes à reflexão e interação, pois, no acontecimento enunciativo há marcas linguísticas de um enunciador

---

<sup>5</sup> Estamos concebendo o gênero textual, grafite, ao modo da cultura urbana europeia/americana, que não fazem distinção entre a pichação e o grafite, pensamento acompanhado por boa parte dos que praticam a cultura urbana no Brasil. Embora que, de acordo com Oliveira (2016), a legislação brasileira diferencie as duas escritas urbanas, legalizando o grafite como arte das ruas e criminalizando a pichação.



pressuposto na enunciação, que interage com seu enunciatário, explícito pelo uso da segunda pessoa “te” (em “te seguram”). Assim, o texto enquanto enunciação expõe a língua em funcionamento, envolvendo relação entre falantes da língua e o acontecimento enunciativo, e a enunciação, ao constituir sua própria temporalidade, atualiza enunciações passadas, projetando novas enunciações em relação com o presente, as intenções do autor/obra, e os sentidos, significação, projetados num futuro, a interpretação (GUIMARÃES, 2018).

Como exemplo dessa temporalidade, temos a rememoração do interdiscurso propagado pela banda de Rap paulista – *Haikais* – autora e intérprete do Rap 4e21 – cujo trecho “As mãos que te seguram são as mesmas que te soltam” forma o enunciado do grafite. O discurso atualizado pela banda associa-se às formações discursivas que primam por um pensamento crítico sobre o humano, as realidades sociais e sobre o consumo no mundo capitalista. No grafite analisado também se encontra uma intertextualidade/interdiscurso com o poema e a temática do pessimismo presente em – *Versos íntimos* – de Augusto dos Anjos, no verso “A mão que te afaga é a mesma que te apedreja”. Nesta interdiscursividade, o grafite permite discutir a natureza dual do ser humano (ao passo que produz o bem, também produz o mal), exigindo do seu interlocutor reflexão sobre a existencialidade humana, suas experiências e conhecimentos de mundo. Esta leitura ancora-se na perspectiva da AD, por revelar na materialidade da linguagem – a historicidade – categoria que expõe sujeitos, discursos/interdiscursos, formações discursivas, e atribui à linguagem o lugar da atualização/(res)significação de discursos, caracterizando o interdiscurso como argumentativo, no âmbito de uma semântica histórica da enunciação (GUIMARÃES, 2002; 2018).

Além disso, o grafite nos permite reconhecer a presença de uma subjetividade, marcada na própria linguagem, ao modo de Bréal (GUIMARÃES, 2002), visível pela locução adjetiva “as mesmas” que é usada no texto para além da função de caracterizar o substantivo “mãos”, com o qual se relaciona, mas reforça a mensagem transmitida – não são quaisquer mãos que “te soltam” – são “as mesmas que te seguram”. A mensagem denuncia o humano possuidor, em seu íntimo, de uma polaridade, neste caso, relativa, em praticar o bem e o mal. Portanto, a linguagem materializa no dito, o não dito, o ausente (CHAUÍ, 2000), o memorável, que pela ação de linguagem permite a produção de efeitos de sentidos, a projeção futura: a interpretação (GUIMARÃES, 2018).

Frente aos estudos semânticos (GUIMARÃES, 2002), a referida expressão funciona como argumento que põe o sujeito/enunciador na posição de quem argumenta frente ao enunciatário – olha, não seja tão ingênuo, estas mãos que ora te seguram, não são tão bozinhas/inocentes (...). Portanto, na perspectiva enunciativa benvenistiana, a qual Guimarães se filia, o enunciado em questão configura uma enunciação em que se desenha o quadro enunciativo: um “eu” que fala para um “tu” sobre algo – a terceira pessoa/ele - a “não pessoa”. Diferentemente do que propõe a linguística textual, para quem a expressão “as mesmas” funciona como elemento coesivo de textualidade que referencia o substantivo “mãos”. As possibilidades de leitura são inúmeras e um leitor proficiente, atento ao fenômeno da linguagem, provavelmente, constitua muitos dos efeitos de sentidos apontados neste estudo, contudo, os leitores em formação não o farão, o que nos leva a destacar que as propostas de leitura desenvolvidas na educação básica precisam proporcionar um exercício de “mergulho” na materialidade textual, a partir da relação texto/leitor, a favor da produção de sentidos.

Destacamos, anteriormente, três aspectos de constituição de sentido na argumentação, apontados por Guimarães (2002), que os retomaremos aqui. Os dois primeiros: na retórica, a argumentação é relação de sentido na linguagem; já na enunciação, a argumentação ocorre no próprio ato de enunciar, em que buscamos exemplificar na leitura anterior; o terceiro aspecto, pela argumentação pensa-se a textualidade e a relação entre interdiscurso/língua/enunciação que, embora sua evidência ocorra na leitura do texto anterior, passaremos a explorá-lo a seguir.

O gênero textual tatuagem, representado na figura 2 a seguir, é entendido neste estudo como inscrição corporal (RODRIGUES, 2011), foi colhido em meio eletrônico, chama nossa atenção pela linguagem simbólica que representa. A inscrição no corpo é um elemento polarizado,

pois, mesmo sendo signo cultural presente na história de vários povos primitivos, tornou-se estigmatizado pelo preconceito, e chega à contemporaneidade com grande apelo popular, tanto pelas características estéticas, quanto pela capacidade de simbolizar fatos/memórias da vida e culturas através de signos.

A inscrição corporal, na figura seguinte, caracteriza-se como linguagem complexa e sua materialidade traz um elemento culturalmente discursivo e híbrido – o Zé Pilintra – com representação sociocultural brasileira e africana/Umbanda (TONI, 2009).

**Figura 2: Tatuagem do Seu Zé Pilintra**



Fonte: <<https://www.facebook.com/pontosdoseuzepilntra/photos/a.243173442480081/1097510100379740/?type=3&theater>>.

O texto, exclusivamente, imagético, é repleto de signos discursivos que representam culturas e suas formações discursivas, às quais os discursos se associam e movimentam interdiscursos que funcionam como argumentos, tendo como suporte o corpo do enunciador, enquanto espaço de subjetividade latente e produção da argumentação, frente ao discurso enunciado. Para Guimarães (2018, p. 109), “a argumentação é um processo que se constitui pelo acontecimento de enunciação e, especificamente, pela relação de alocação<sup>6</sup> na apresentação que o alocutor faz do locutor, lugar da significação do argumento”. Assim, o alocutor como “lugar social do dizer” denuncia sua adesão à discursividade representada na imagem do Zé Pilintra: uma entidade espiritual de origem afro-brasileira/umbandista, tido como espírito humilde e de bondade plena, patrono dos bares, da vida noturna, boêmio e apaixonado por jogos, que compartilha alegria e a boa malandragem (TONIN, 2009).

A argumentação se evidencia contrária ao misticismo inerente à imagem do Zé Pilintra, cujo espírito solidário, presente na entidade, representa o conceito de marginal da literatura contemporânea do que é estar à margem da sociedade/no periférico: lugar de origem do Zé Pilintra, que representa grande parcela marginal da sociedade, que não se deixa afetar pelo

---

<sup>6</sup> O agenciamento do falante, pela língua no acontecimento de enunciação, produz uma relação de alocação que constituiu de um lado o Locutor instituindo para ele um Locutário (aquele para quem diz o Locutor); constituiu por outro lado, o alocutor, instituindo para ele um alocutário (o lugar social para o qual diz o alocutor). Esta constituição de alocação se dá pelo agenciamento, pela língua, do falante em Locutor, e pelo agenciamento do falante em alocutor; pela relação histórica com os falantes do espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2018, p.72).

rancor/dificuldades em vida e, pós-morte, continua pregando o bem com alegria (TONIN, 2009). Estas nos parecem ser as ideias defendidas pelo alocutor diante de seu alocutário.

O texto apresenta uma linguagem complexa, repleta de signos culturais, a exemplo do poste de luz, noturna, e a imagem de um homem aparántado: roupa de cor branca, acessórios singulares e postura performática, desenhando o universo semântico de sua existência, ajudando a formar o quadro enunciativo em que efeitos de sentidos são produzidos à medida que passam a (res)significar a história, a cultura, a vida sociopolítica do homem e suas relações discursivas no mundo. Suscita discursos/interdiscursos que se cruzam na materialidade linguística, em forma de argumento, frente à posição política do sujeito tatuado. O não dito faz-se presente no dito, é silêncio constitutivo de sentido, evidenciando como sujeitos apossam-se da língua, fazendo-a semantizar e produzir linguagem (GUIMARÃES, 2002).

De acordo com Tonin (2009), podemos afirmar que Zé Pilintra representa, traz em si, o interdiscurso do famoso malandro carioca, que ganhou destaque na Disney, na representação da personagem Zé Carioca. No Brasil, esta representação, supostamente, não é bem vista pela sociedade que, segundo a pesquisadora, sofre influência de padrões religiosos e culturais que estigmatizam a figura do Zé Pilintra. Outra questão a ser observada, diz a estudiosa, é que a personagem Zé Carioca tem por característica a forma de agir, falar, se vestir, e seu gingado malandro, no andar, lembram a representação da ave – papagaio – animal de Exu – o que demonstra a possibilidade do conceito da personagem vir de comunidade umbandista, configurando, no quadro enunciativo, a historicidade de uma diáspora da cultura afro-brasileira, que alimenta um preconceito histórico.

## **PALAVRAS FINAIS**

Os textos analisados têm origem “marginal” (RODRIGUES, 2009) evidenciada pela história das sociedades e pautada numa concepção cultural elitizada, que atravessa o período moderno refletindo na contemporaneidade, mesmo com a consolidação das ciências: Antropologia e Sociologia que concebem um pensamento hierárquico referente às culturas. No âmbito dos Estudos Culturais, pensa-se na coexistência de culturas hibridizadas e multi-influenciáveis. Características advindas do fenômeno da globalização, propulsor de revoluções e movimentos constantes de mudanças, que levaram Bauman (2013) a nomear esta temporalidade de mundo líquido moderno, atribuindo às culturas um lugar de mudança.

Os gêneros textuais grafite e inscrição corporal apresentam-se como textos multifacetados/hibridizados, ao materializarem, nas suas linguagens, o cruzamento de culturas, e possibilitar suas atualizações, (res)significações, assim como da história, os aspectos sociopolíticos da vida do homem e suas relações. Como demonstramos, esses textos suscitam múltiplas leituras, propícias a diversos lugares teóricos e, além de proporcionarem uma experiência sobre as vivências humanas, materializam discursos/interdiscursos que se ancoram em formações discursivas diversas com representações de aspectos artístico-literários da estética urbana relevantes ao homem contemporâneo.

Os referidos textos materializam questões que atravessam o tempo histórico, exigindo do leitor uma experiência de imersão frente à materialidade linguística e à complexidade dos textos contemporâneos. Esse é o ideal de leitor/leitura na atualidade, fomentada pelas constantes mudanças políticas, acontecimentos históricos, (res)significações e atualizações culturais, que atualizam e hibridizam os textos do cotidiano das cidades. Diante disso, o contexto da educação atual não poderia ser indiferente ao lugar do diferente, do diverso, da inclusão, o que já é propagado em documentos oficiais (BNCC/BRASIL, 2018). E a aula de leitura, de língua(gens), passa a figurar como lugar de encontro entre homens, culturas e práticas sociais, ancoradas no texto como produto e exercício de linguagem, do desenvolvimento de letramentos sociais nos diversos contextos de

enunciação. O texto multifacetado espelha o reflexo das sociedades modernas e sua leitura deve considerar toda essa complexidade.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. Versos íntimos. In: **EU**. Rio de Janeiro, 1912.

BAUMAN, Zigmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; SEB, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz (Org.). Linguagem em uso. In: **Introdução à linguística**. 5 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PAULA, LF. João Wanderley Giraldo (1946) e o texto na sala de aula. In: MORTATTI, MRL., *et al.*, Orgs. **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 277-298.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem**. 2 Ed. São Paulo: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Semântica: enunciação e sentido**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

HALL. Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: editora UFMG; Brasília/Brasil, 2003.

MACEDO, Walmirio de. Semântica. In: **O livro da semântica: estudos dos signos linguísticos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012, p. (19-21).

MACEDO, Walmirio de. Teoria da significação. In: **O livro da semântica: estudos dos signos linguísticos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012, p. (51-52).

OLIVEIRA, Laécio Fernandes de. **Gafite & pichação: linguagens de intervenção, denúncia e construção de sentidos**. Campina Grande: UEPB, 2016. (TCC).

OLIVEIRA, Laécio Fernandes de; RODRIGUES. Linduarte Pereira. A leitura nas culturas híbridas: ação de linguagem e multimodalidade. In: LENDL, Aluizio. SOUZA, Fábio Marques de. (Org). **Ensino de línguas na contemporaneidade: multimodalidade e tecnologias digitais**. São Paulo: Mentis Abertas, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. **Sociopoética**, Campina Grande, PB, n., p.1-16, 2009.

\_\_\_\_\_. **Vozes do fim dos tempos:** profecias em escrituras midiáticas. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

\_\_\_\_\_. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. **Revista do Gelne**, Natal, RN, p.140-167, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.

TONIN, Juliana Medeiros. **Conheça mais sobre Zé Pilintra na Umbanda** - o guia malandro. Online, 2019. In: <<https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/ze-pilintra/#QuemeZePilintra>>. Acesso em: 24/11/19, às 15h.

Dicionário de símbolos: In: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/cruz/>>. Acesso em: 12/11/2019, às 13h.

Submetido em 26/01/2020

Aceito em 26/07/2020